

Missões, Privilégio e Responsabilidade

PRELETORES: Marcelo
Berti e David Kirsch
DATA: 08/11/2009

Ter uma mensagem voltada para missões é um grande privilégio. Depois de um final de semana como o que nós passamos como igreja, com um grupo fazendo evangelismo em diversos pontos da cidade, em que mais de cem pessoas disseram ter entregues suas vidas a Jesus Cristo, é um privilégio falar de missões. É um privilégio poder dividir um pouco das nossas experiências com o evangelho.

Não sei se você sabe, mas sou filho de missionário e, como tal, cresci ouvindo que filho de missionário só serve para duas coisas: ou para não dar certo na vida ou para fazer a mesma coisa que o pai. Eu resolvi escolher a segunda opção.

Assim, eu fui muito cedo para o seminário, focando meus estudos para ser missionário. Deus mudou meus planos pelo caminho, mas essa semente ainda ficou no meu coração, e esse desejo ainda permanece e, sempre que posso, estou envolvido em viagens missionárias ou coordenando o ministério de evangelização da IBCU. Falar sobre missões para mim é um grande privilégio. Mas também é uma grande responsabilidade. Como filho de missionários eu vi as deficiências e as faltas que existem no campo. Eu pude perceber quão carente de pessoas é o campo missionário. Tive chances de ver pessoas se desdobrando, fazendo mais

do que podiam, porque faltam pessoas no campo missionário. Mas, maior responsabilidade do que essa, é saber que eu estou diante de um Deus que é missionário.

Se você abrir sua Bíblia, você vai ver lá em I Timóteo capítulo 2, versículo 4 o desejo do coração de Deus! E Ele diz:

“... o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.”

Deus olha para a humanidade, de uma forma muito diferente da que nós olhamos. Enquanto nós, muitas vezes, estamos ocupados com os nossos afazeres, com as nossas atividades, que ao final resulta só em negócios, Deus está olhando para esse mundo e está dizendo: “esse mundo é um campo. E esse campo está branco, pronto para colheita, porque o meu desejo é que todas essas pessoas sejam salvas.” Deus tem um coração missionário. Há quem diga que Ele tinha um único filho e fez desse filho um missionário, enviando-O até a terra para trazer boas novas e para ser Ele mesmo, sacrifício vivo para libertar a mim e a você. E você pode ser alguém que entendeu que Deus o resgatou do inferno, através do sacrifício do filho dEle. É a nossa responsabilidade.

É por isso que esse Deus, que tem esse coração missionário, deixa orientações claras para mim e para você. Isso

acontece desde o passado. Se você abrir a sua Bíblia lá em Gênesis, você vai perceber que esse desejo de Deus de alcançar todas as pessoas, já estava lá. Quando Ele chama Abraão, ele deixa com Abraão uma promessa, e ele fala: “Eu vou abençoar os que te abençoarem. Eu vou amaldiçoar os que te amaldiçoarem.”

“Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra.” Gênesis 12.3

Deus tem um desejo missionário desde aqueles tempos. E não é à toa, que no presente, conforme nós vemos em Mateus capítulo 28, versículo 19, Ele tem orientações para mim e para você. Ele diz:

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.”

E a palavra que ele usa aqui é a palavra utilizada para etnia. Todas as etnias precisam ser alcançadas com o evangelho. O evangelho da salvação, o evangelho que liberta, que salva e transforma. Todas as etnias. Esse é nosso chamado. Essa é a nossa responsabilidade. Quando nós não estamos fazendo aquilo para o qual nós fomos chamados a fazer, nós estamos perdendo o nosso tempo. Esse é o nosso chamado. Você é um missionário onde você está. Pode ser etnia da tecnologia, no seu trabalho, todas aquelas pessoas precisam ser alcançadas por você. Esse é o nosso chamado, essa é a nossa missão. E é fantástico olharmos para o futuro, quando Deus descortina aquele momento onde todos nós vamos estar diante Dele. Lá no livro de Apocalipse ele diz:

“Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e

línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos.” (Apocalipse 7.9)

Festa. Todas as etnias diante do Cordeiro. Essa é a nossa responsabilidade, esse é o nosso privilégio. E hoje eu gostaria que você prestasse atenção numa história. A história de como Deus resolveu manifestar a sua graça a um povo que decidiu ser missionário e está fazendo grande diferença no mundo onde eles vivem. E você vai ter o privilégio de ouvir sobre esse povo e de como o evangelho chegou até lá e mudou essa cultura. É a aldeia dos índios Uai Uai em Mapuera, que nós visitamos pelo menos uma vez por ano.

Eu queria que você prestasse atenção para a forma como Deus usou a vida de um indígena para levar o evangelho a várias nações.

Vamos começar com a história de Elcar, que era um pajé, e através da conversão dele, todo o povo Uai Uai pode ter um encontro com Cristo.

Essa história começa lá na Guiana inglesa onde esses índios viviam. Eles são nômades, como são a maioria das tribos indígenas, que ainda existem no Brasil hoje. Eles viviam ali na região próxima de Roraima, noroeste de Pará e na Guiana inglesa.

Esse povo vivia às margens do rio Ezequibo. Era um rio do qual eles tiravam todo o sustento, a caça, a pesca, a água para beber. Na verdade, é um rio muito bonito, é um lugar muito bonito mesmo. E eles são um povo bem alegre. Eles gostam de se pintar, de se ornamentar. E o principal problema deles era com as bebidas e as brigas. Eles gostavam de muitas festas, mas como, as festas envolvem bebidas, os índios não tinham controle sobre isso e acabavam brigando e causando

mortes, guerras e separação entre a própria aldeia.

O povo vivia morrendo por guerras e por doenças. Guerras entre eles mesmos, e doenças que eram trazidas de fora. No mundo espiritual deles, o pajé era incorporado por alguma entidade e o povo vivia sobre uma grande opressão demoníaca. Vários espíritos tentavam se relacionar com o povo e, na verdade, o povo era escravo desses espíritos, e eles viviam com medo.

Curoquiam era o nome do espírito maior. Ele era a personificação de todos os espíritos em um só. É difícil de explicar. Fazendo uma comparação, seria a mesma coisa da Trindade: são três, e Deus é um só. Aqui também, Curoquiam é semelhante. Todos os espíritos estão em Curoquiam e eles vivem Curoquiam em tudo: no orvalho, nas árvores, no barulho das asas do morcego batendo. E eles achavam que Curoquiam era bom, mas também que ele poderia fazer o mal. Ele era bom e mau. E os pajés eram os que se relacionavam com eles, e faziam troca de favores. Eles pediam favores aos espíritos em troca de outras coisas.

Existia um ritual que é importante mencionar, era o Farauá. O Farauá é um ritual de revide. Se alguém fizesse algum mal ou matasse algum parente seu, você convidava um pajé para invocar uma entidade para matar a pessoa que lhe causou este mal. E realmente, depois desse ritual, que consistia em assoprar sobre algum objeto da pessoa, realmente a pessoa acabava morrendo. Isso acontece ainda hoje em algumas aldeias indígenas.

Para contar a história da libertação do povo Uai Uai é preciso contar a você a história de Elcar. Sem ele, seria o mesmo que contar a história da libertação do povo no Egito, sem falar

de Moisés. Elcar parece ter sido uma pessoa especialmente escolhida por Deus. Parece que desde pequeno, Deus selecionou Elcar para libertar esse povo. Ele era muito inteligente, curioso, e era mais interessado do que os outros por assuntos pertinentes à Palavra de Deus. Ele nasceu perto do rio Mapuera e, muito cedo, pequenininho, ele se mudou para a Guiana inglesa.

É bom lembrar sobre a história das crianças. As crianças só são consideradas com vida, a partir do momento em que elas são levantadas do chão. O parto é feito numa cabana pequena, onde a mãe, geralmente fica a noite inteira num parto difícil, e o bebê cai sobre uma folha de bananeira. Então, o pai, ou algum responsável, geralmente vem e levanta a criança do chão. À partir do momento em que ela é levantada do chão, ela tem vida. Assim, se o pai ou a mãe não quiserem a criança, eles a deixam lá, ou a matam ali mesmo. Pelo menos, teoricamente, eles não são considerados culpados, se isso acontecer. E foi isso que aconteceu com o irmão mais novo de Elcar. Diante dessa situação, Elcar foi o primeiro a desafiar essa crença. Quando seu irmão nasceu, o pai dele já havia falecido e foi substituído pelo seu padrasto. Porém, esse padrasto era muito mau, e já tinha matado uma criança. Elcar estava com muito medo de que, a mãe dele, grávida de novo, tivesse o bebê, e o padrasto o matasse. E foi isso que aconteceu. O padrasto estava disposto a matar e, Elcar acordou bem cedo, ao ouvir o choro do bebê, se jogou em cima da criança para que o padrasto dele não pudesse matá-lo. E ali, ele salvou a vida da criança, pois todos vieram e convenceram o padrasto a levá-lo do chão.

Tempos depois, sua mãe morreu, e seu padraço morreu também, e ele ficou sozinho. Então, um tio levou-o para Cachi, uma nova aldeia longe da Guiana. E foi ali, que ele passou pelo ritual da transformação de criança em adulto. Isto era representado ao obter braceleiras brancas, indicando que ele já é adulto, já é jovem. Um ritual que é feito com *tucandeiras*, formigas venenosas de mais ou menos um polegar de tamanho que são enroladas várias delas em uma faixa de pano e colocadas nos braços e nas pernas. Elcar também se mostrou diferente de todo o povo neste cerimonial, porque quando não agüentava mais, ele dizia que seus os ossos já estavam doendo. Assim, uma lágrima rolou do rosto dele quando ele não agüentava mais, e ele começou a pular e a dançar. Então, toda a aldeia ficou admirada, e consideraram que ele tinha uma virtude especial.

Nessa aldeia, em Kashima, onde o seu tio o levou, ele começou a ter sonhos estranhos. Ele via objetos caindo sobre ele. Sonhou com uma sucuri, um beija flor, um tatu e um porco do mato. O porco do mato parecia que tinha maior afinidade com ele. O porco do mato vinha, acordava-o à noite na rede e ficava conversando com ele. Nessa aldeia, ele conheceu o Mafoliô, que era um pajé antigo que, quando soube dessa história, começou a iniciar Elcar na feitiçaria. Começou a ensinar Elcar como ele deveria lidar com esses espíritos que vinham falar com ele a noite.

O Mafoliô era um bom pajé. Ele ensinava Elcar a fazer feitiçaria, e Elcar pensava assim: “A feitiçaria é um bom método que eu tenho para tirar o mau das pessoas, tirar o mau que existe dentro do coração dos meus irmãos Uai Uai.”

Bom, foi nessa história que apareceram três irmãos: o Nilo, o Jaime e seu Roberto Halkins. Eles já trabalhavam no Brasil há dez anos entre os povos do lavrado, Macchi, Eacchana, Escariana e alguns outros, e durante esses dez anos de trabalho ouviram falar do povo Uai Uai, que era um povo desconhecido que vivia no meio das selvas, atormentados por doenças. Eles tinham poucas informações. As informações que eles conseguiram foi através dos próprios índios com quem eles trabalhavam. Então, decidiram começar a fazer um contato com esses índios. Eles oraram bastante e decidiram partir em viagem. Ficaram com muito medo da viagem porque era feita por meio do rio, e a pé, também. Eles não sabiam quais os perigos que podiam aparecer durante o percurso. Mas é interessante, pois os índios não têm telefone, não têm meio de comunicação, mas é impressionante como, apesar da distância entre as aldeias, eles ficam inteirados de algumas situações que está acontecendo. E assim, chegou ao ouvido da aldeia ali onde Elcar estava, a notícia de que matadores brancos estavam chegando. Então, quando veio essa notícia, o povo ficou desesperado. “Será que está vindo uma porção de brancos para nos matar? Nós estamos em paz, não fazemos mal a ninguém aqui”. Mas eles ficaram muito atormentados. Então, o tio de Elcar diante de toda essa confusão, resolveu levar Elcar para outra aldeia chamada Erefoimo. E lá, ele é aconselhado por Mafoliô, aquele pajé que já mencionei, a nunca usar feitiçaria para fazer o mal, mas só para fazer o bem. Estando lá, ele sonhou novamente com um espírito que se mostrava metade homem e metade porco do mato. Ele dizia: “essa figura que apareceu para mim, metade

homem, metade porco do mato me falou que eu nunca mais iria comer de sua carne, mas somente o lombo, que é a parte seca do porco, que pode ser comida. Se eu não obedecesse, certamente morreria.”

Como acontecia com Farauá, que era aquele ritual, um pajé que comesse uma carne proibida pelo seu espírito, não tinha outra opção senão morrer. Nesse dia então, Elcar acordou atônito e contou para o Mafoliô, que era seu tutor da feitiçaria e Mapoliô então, percebeu que era a hora de ensinar a Elcar todos os cânticos, todas as invocações. Assim, deu a ele um cesto com pedrinhas místicas, com um fumo que era assoprado em doentes a fim de promover a cura. E ali então, Elcar realmente se transformou num pajé. Ele ganhou esse cesto de feitiços, passou por um treinamento bem intensivo, e naquela noite, ele sonhou novamente. Sonhou com porcos do mato que vieram todos ali na rede falar com ele, e, olha só o que esses espíritos falavam: “Elcar é um dos nossos”. “Elcar é um dos nossos!” Elcar é um dos nossos!” E Elcar acordou várias vezes e pensou: “Agora eu realmente sou um pajé de verdade.”

O método de curar se constituía em soprar. Como eu falei anteriormente, existia uma erva que eles aspiravam, inalavam e podiam soprar no ferimento ou sobre a pessoa que estava doente. E o ato de soprar podia curar ou não a pessoa. Antes de praticar esse ritual, ele era elevado a um céu espiritual, para conversar e negociar com os espíritos. E os espíritos diziam se iam efetuar a cura, ou não. E mesmo quando o espírito sinalizava que não iria curar, Elcar ainda insistia, soprava, soprava com todas as forças que podia. E quando ele via que não surtia efeito, e todas as outras pessoas também

viam, todo mundo ficava triste. Só que, ao invés deles encararem aquele problema, eles tentavam não pensar naquilo. Situação muito semelhante com a realidade que vivemos hoje, inclusive a minha. Muitas vezes, quando tenho problemas eu prefiro não pensar neles, infelizmente.

Mas, para não pensar, eles tinham que aliviar de alguma maneira, e faziam isto através de festas. E nas festas abusavam da bebida, trazendo como consequência, as brigas, discussões, fofoca, mentira, falta de respeito pelo próximo, ao se achar no direito de cobiçar a mulher do próximo, gerando grande confusão.

Foi numa dessas festas, que um grupo de sessenta índios, depois de terem brigado com a maioria da tribo, decidiram ir embora. “A gente vai embora porque vocês beberam demais e falaram muito mal da gente”, disseram. E assim, resolveram ir embora. Elcar implorou a eles: “olha, apesar da briga, por favor, não vão embora! Vocês podem encontrar os matadores brancos lá fora. Eles vão seguir os rastros de vocês e vão acabar aqui na aldeia, e vão matar a gente também.” E foi o que aconteceu. Os três irmãos chegaram muito perto desse grupo dos sessenta índios que tinham ido embora, e eles fizeram contato. O líder dos índios se pintou todo, porque pensava que, se fosse morrer, era para morrer bonito. Mas, quando eles se encontram, não foi isso o que aconteceu. Aqueles três irmãos, tentaram falar a eles de alguém que nunca tinham ouvido falar: de Deus. “Como assim? Quem é Deus? Vocês não vieram para matar a gente? Vocês vieram para falar sobre Deus? Quem é esse Deus? Deus tem esposa? Deus vai vir depois de vocês? Como é que é esse Deus? A gente quer conhecer.”

E então, esses índios viram que esses irmãos não causavam mal nenhum e o levaram de volta para a aldeia de Elcar. Quando os viu, Elcar ficou morrendo de medo, mas, depois, quando foi tudo explicado, eles permitiram que esses três irmãos ficassem morando ali por um tempo. E nesse tempo, aconteceu uma epidemia como várias vezes acontecia. E o chefe da aldeia onde Elcar estava, morreu por conta dessa epidemia. Como Elcar já era conhecido da tribo, foi eleito como o pajé da comunidade. E não só o pajé, mas o principal líder daquele comunidade indígena. Os missionários ficaram ali e conquistaram a confiança de Elcar, através de comprimidos - bolinhas brancas que tomavam quando ficavam doentes e ficavam bons. Eles não assopravam sobre os doentes, eles não precisavam fazer nada. Apenas davam aquele comprimidinho. Então, Elcar ficou muito interessado, e aceitou a amizade daqueles três brancos.

Por algum tempo, os missionários tiveram que se ausentar da comunidade para fazer divulgação do trabalho. Ficaram um tempo fora, mas retornaram. E quando retornaram, fizeram a proposta de ajudarem a construir uma pista de pouso para dar uma assistência melhor, através de avião. Também, na época que eles voltaram, houve uma outra epidemia. Muitos índios estavam morrendo e, essa pista ajudou no tratamento deles. Nesse avião, também chegavam as mulheres brancas que usavam saias e os índios achavam muito engraçado. Mas, essas mulheres também se mostravam extremamente interessadas neles, e ensinavam, principalmente, sobre o “papel de Deus” (a bíblia). Era um papel que elas mostravam que continha vários dizeres, vários ensinamentos. Eles estranharam ao

ouvir algumas coisas, mas eles não davam muito valor para esse “papel de Deus”. As mulheres também tentavam ensinar cânticos, e a ler e escrever. Realmente, eles conseguiram iniciar um bom trabalho de alfabetização ali entre os índios.

O Ban, como é conhecido Roberto Halkins, se dedicou principalmente à tradução da Bíblia. E adivinha quem foi seu auxiliar? Elcar. Por se mostrar extremamente interessado, foi lá para ajudar Roberto a traduzir aquele “papel de Deus”. E quando ele começou a entender o que aquele “papel de Deus” estava falando, começou a ficar um pouco confuso. Na verdade, a aldeia se interessou mais em ouvir o “papel de Deus”, embora eles não entendessem muito bem. Então, quando eles não entendiam, preferiam deixar de lado. Foi aí que começou a surgir no estômago de Elcar, vários conflitos, principalmente, quando ele começou a ajudar Roberto a traduzir a primeira carta de João. A carta, principalmente no capítulo 4, onde fala sobre o mundo de espíritos. Ali está escrito em Uai Uai:

“no amor não há medo, ao contrário, o perfeito amor expulsa o medo porque o medo supõe castigo. Aquele que tem medo não está aperfeiçoado no amor.”

Então, esse amor, é um amor que não pede nada em troca? Como assim? Elcar ficou com o estômago extremamente incomodado. Na verdade, eles acreditam que certas emoções que eles sentem, está no estômago, não no coração, nem na mente. Poderia ser comparado a um rapaz que sente um friozinho no estômago, quando vê a namorada, por exemplo. Então, eles tinham razão. Esses conflitos existiam no fundo do estômago. Mas, Elcar pensava: “como pode haver um amor sem interesse? Eu amo meus filhos, amo a minha esposa,

a gente gosta todo mundo um do outro, mas todas as atitudes que a gente tem um com o outro, é tomada, esperando algo em troca. Esse amor de Deus, que lança fora todo o medo, que vive aterrorizando a gente, não pede nada em troca?” Elcar ficou muito confuso. Assim, ele passou a considerar sozinho sobre o “papel de Deus”. Veja que interessante! As outras pessoas da aldeia não sofriam desse mesmo mal no estômago, porque elas não entendiam. E ele estava começando a entender. Deus estava começando a trabalhar no coração dele. Foi então, que numa bela manhã, depois de vários conflitos, ele acordou decidido. Acordou bem cedinho, não deixou ninguém ver que ele havia se levantado e foi para uma roça, num lugar descampado. Olhou para o céu e fez a seguinte oração:

“Pai do céu - disse olhando para cima, como se Deus estivesse assentado no céu - quero conhecê-lo. O que o Senhor acha disso? O Elcar quer que o Senhor entre no fundo do seu estômago Pai, e fortaleça seu espírito.” E continuou falando, como se Deus estivesse ao seu lado: *“Eis-me aqui. Sou um pajé, é isso que eu sou. Também sou uma pessoa má, sinto ódio, grito com a minha esposa, eu entristeço muito, mas não é assim que eu quero ser. Por isso, Pai, livra-me. O Senhor pode fazê-lo porque o seu Filho morreu pela minha maldade, para expulsá-la de mim. Faça com que eu me torne uma nova pessoa. Quero ser como o Senhor.”*

E assim, Elcar nomeou seus pecados um a um, que eram ódio, inveja, orgulho, e disse: *“É assim que sinto, Pai. Faze-me como Jesus.”*

Que percepção que Elcar teve! Uma pessoa que vive num ambiente totalmente diferente, com costumes e língua totalmente diferentes do nosso.

E nós temos este discernimento, graças ao Espírito Santo de Deus, assim como Elcar teve. Ele sentiu que precisava tomar uma decisão, e o Espírito Santo trabalhou ali na vida dele.

E a partir dessa decisão tomada por Elcar, a situação ficou complicada. Várias provas e opressões começaram a aparecer. Parecia que, de um lado Deus queria que ele abandonasse os feitiços e, do outro lado, Curoquiam queria que ele abandonasse o “papel de Deus”. Na verdade, ele continuou fazendo as duas coisas. Quando ele era chamado para curar uma pessoa, ele ia, soprava e orava. A pessoa era curada. Aí ele pensava: “Puxa, e agora, quem é que curou? Foi o Curoquiam ou foi Deus?”

E não conseguia se desprender daqueles feitiços que carregava desde a adolescência.

Elcar ficou doente uma vez, e veio o Mafoliô, aquele seu tutor, soprou sobre ele, e ele orou também. Ao se sentir curado, ele disse: “Gente, eu fiquei curado, mas quem foi que me curou?”

E então, ocorreu um fato preocupante com a filha dele. Ela ficou gravemente queimada, e Elcar começou a pensar:

“Poxa, quem que a protegeu do pior? Ela poderia ter morrido. Foi Deus ou foi Curoquiam? Bom, se foi Deus quem a protegeu do mal, por que Ele também deixou que ela se queimasse? Ele poderia tê-la protegido e não deixado que ela se queimasse.”

E aí foi que ele então, começou a pensar que talvez Deus quisesse ensinar uma lição a ele, que não é possível servir a dois senhores. E uma decisão estava muito perto de ser tomada. Elcar teria que abandonar esses feitiços.

Bem, o capítulo quatro de I João, descrevia um mundo de espíritos. Ele

percebeu ali, que aqueles três missionários não tinham medo de entrar na mata sozinhos, não tinham medo de pescar em lugares proibidos, não tinham medo de uma porção de coisas. E Elcar leu em I João 4.4: “*Maior é aquele que está em vós.*” “Poxa, eu tenho Deus agora em mim. E maior é Deus que o Coroquiam ou que todas as coisas que o Coroquiam faz aqui na aldeia.” Então, ele tomou uma decisão que assustou toda a aldeia. Ele se propôs a entregar a cesta de feitiços dele ao missionário, porque o missionário disse que ia levar para a igreja que os tinha enviado para mostrar o que Deus estava fazendo no meio da selva: um pajé se convertendo. Então, quando ele falou “eu vou entregar minha cesta de feitiços”, todo mundo falou: “você está louco! Você vai morrer, é lógico que você vai morrer. Você quer morrer? A única coisa que acontece quando um pajé desiste de ser pajé, é a morte. Você se lembra de que você não podia comer carne de porco? Mesma coisa. Se entregar sua cestinha, vai morrer. Lembra do velhinho que estava na canoa e, sem querer, o cesto dele caiu no rio, e no dia seguinte ele estava morto?” E isso aconteceu de verdade. E Elcar pôs-se a pensar: “poxa, e agora? Se eu entregar, morro ou não morro?” Mas ele decidiu: “maior é aquele que está em mim”. Toda a aldeia se voltou contra ele, principalmente porque ele não iria mais assoprar sobre eles. E a esposa dele também o rejeitou e falou: “É isso que você quer? Entregue e morra, mas morra sozinho, porque eu não vou mais ficar com você.” Essa foi uma cena muito marcante, pois neste momento, Kirifacá Iacutá, aquele irmãozinho que ele protegeu lá do chão, salvando-o, falou assim: “Se você não morrer entre duas estações, a seca

e as chuvas que vêm aí, a gente vai aceitar esse seu Deus.”

Depois que Elcar entregou o cesto, o povo só ficou esperando pela sua morte. Era certo que Elcar iria morrer, não havia outra saída. Da mesma maneira como é feito um Farauá e a pessoa morre, quando um feiticeiro entrega seus feitiços, ele morre também. Então em todo o tempo, as atenções do povo se voltavam para Elcar. Ele andava sozinho na mata, ele ia caçar sozinho, voltava vivo e todo mundo ficava espantado: “Nossa, Elcar voltou vivo”. Aconteceu também, que os porcos do mato, que era uma caça freqüente, sumiram. Por mais de um ano, ninguém achou se quer vestígio de porco do mato. E eles falaram: “os porcos do mato sumiram por causa que Elcar abandonou os feitiços dele. Mas, quando a gente encontrar os porcos do mato, o Elcar provavelmente vai morrer.” Muitos viram uma sucuri de cabeça branca, que é uma personificação também do espírito deles, e falavam que essa sucuri estava vindo para levar Elcar. Houve uma situação em que Elcar estava com outros no barco, e uma sucuri atacou o barco. Elcar orou bastante, e eles conseguiram chegar em paz na margem do rio.

Quando a opressão vinha sobre Elcar, ao invés de soprar, ele orava. O pessoal o convidava: “Elcar, vem aqui soprar. Não abandona todos os feitiços não! Guarda só unzinho.” E Elcar falava: “não, eu vou orar por vocês”. E todos falavam que ele ia morrer. Mas ele falava com firmeza: “se vocês tivessem Jesus, não teriam medo”. E ele aproveitava todas as oportunidades para falar de Cristo. Ele falava: “Se uma cobra entrar em sua casa, você fica olhando para ela? Não. Você a pega do chão, e brinca com ela? Também não.

Você a mata e a coloca para fora de casa. Com o pecado é assim. Não podemos deixá-lo entrar dentro de nós. Só Jesus pode vencer o pecado. Vocês acham que eu vou morrer? Então, se eu morrer, não aceitem a Jesus. Mas se eu não morrer, respondam a Deus do fundo dos seus estômagos. Jesus é o único que pode consertá-los.”

E foi aí que surgiu a grande prova para Elcar. Um dia, muitos porcos do mato foram vistos. Então começou uma gritaria na aldeia: “os porcos do mato, os porcos do mato vieram matar Elcar. Chegou o dia da vingança de Curoquiam. Curoquiam foi humilhado quando Elcar largou a cesta dele. Agora, infelizmente, Elcar vai morrer”.

E para surpresa de todos, Elcar foi único que correu para dentro de sua maloca, pegou uma espingarda velha que tinha com dois cartuchos, entrou na canoa sozinho, na verdade, foi acompanhado de seu cachorro. Foi nadando, e todo mundo foi para margem do rio para assistir a morte de Elcar. E todos pensavam: “Elcar é doido, está indo na direção de quem vai matá-lo.”

É uma história muito fantástica! Os porcos do mato subiram no barranco, e Elcar também se aporta lá no barranco. Neste sobe e desce, de repente, ele some e todo mundo fica tenso. E então, eles ouvem um tiro. Foi quando um porco do mato muito grande e forte, igualzinho ao que ele via nos seus sonhos, encarou-o de frente e Elcar disse que podia ouvir nos ouvidos dele, as mesmas palavras que o porco do mato dizia a noite. O porco do mato olhou para ele, veio em sua direção para matá-lo, e Elcar acertou-o na testa, matando o porco do mato que não teve tempo de reagir. Com o barulho, a vara de porcos se espalhou toda, e Elcar que ainda tinha mais um

cartucho, conseguiu matar mais um porco do mato. A aldeia ficou toda alvoroçada quando ouviu o tiro. Imagine então, quando eles viram Elcar carregando um porco do mato, que também era proibido! Eles não podiam tocar se quer no espírito deles, e ele estava carregando os dois porcos do mato mortos. Então eles disseram: “Elcar não morreu entregando a cesta dos feitiços, não morreu matando o porco, mas com certeza ele vai morrer ao chegar aqui, porque ele está carregando o porco.”

Ao chegar na aldeia carregando os porcos, mandou sua esposa acender o fogo enquanto ele ia limpá-los. “Como assim?! Ele está limpando o porco? Ele está tocando no sangue do porco? Ele vai morrer!”

Não morreu. Colocou-os na panela, fez o assado, e então, a aldeia inteira veio correndo para assistir a morte dele: “Elcar vai morrer. Vai fazer a única coisa que ele não poderia fazer”. Pois o espírito tinha falado a ele: “Se você comer da minha carne, você certamente vai morrer”. Ele se lembrou dessa frase que Curoquiam falou a em sonhos, mas ele também se lembrou de I João 4.4 “Maior é Aquele que está em vós”.

Rindo, comeu um pedaço de carne e começou a cantar uma música que falava que Jesus é mais forte do que tudo. E ele convidou a aldeia para cantar com ele. Muitos não entendiam a letra, mas começaram a cantar junto porque era uma melodia que Elcar sempre cantava. E foi ali, que Elcar provou para todo mundo, desafiando publicamente os espíritos, que maior é Deus do que Curoquiam. E naquela noite, todo mundo foi dormir pensando: “Poxa, não é possível! Elcar fez tudo isso e não morreu. Não temos dúvida de que esse Deus, que é o Deus

dele, é mais forte do que o nosso Curoquiam. Então, muitos ali começaram a buscar mais o "papel de Deus" e conhecer mais a Deus.

Bem, o exemplo de Elcar transformou de fato a vida dos Uai Uai. Elcar era um novo líder. Ele fazia coisas que ninguém fazia. Ele ajudava a esposa a cortar lenha, carregar coisas, ajudava a carregar e a cuidar dos filhos, atitudes essas, totalmente diferente da cultura deles. E todo mundo começava a ver o exemplo de Elcar e falava: "essa é a transformação que Deus está fazendo na vida dele".

Vários índios se converteram, e eles então, construíram a primeira casa de reunião. E nessa casa, começaram a trazer várias outras aldeias amigas para também estarem ouvindo do "papel de Deus", estimuladas por Elcar. Nesse tempo, houve também o primeiro batismo. Foram 26 o número de batizados e, um mantenedor dos missionários, que estava orando desde o início do trabalho com os Uai Uai, veio participar deste batismo. A liderança foi batizada, e depois, essa liderança batizou os outros que sobraram. Foi muito emocionante ver ali, aqueles índios após sete anos de ocorrido o primeiro batismo. E Elcar lembrou-se de um versículo que está em Êxodo 4 onde o escravo é liberto depois do sétimo ano de trabalho, e ele falou: "Assim aconteceu aqui na aldeia. Depois de sete anos, o povo Uai Uai começou a ser liberto."

Nesse testemunho de batismo, todos os que iam ser batizados queriam fazer igual. E eles falavam: "Não, vocês não devem imitar a gente, vocês devem aprender mais do "papel de Deus". Vocês têm que mudar suas vidas. Abandonem os seus pecados e não sejam preguiçosos em ouvir o "papel de

Deus". Foi este o testemunho dos que estavam sendo batizados.

Aconteceu então a primeira viagem missionária de Elcar. Movido, transformado por esse amor que ele não compreendia, junto com Mauachá foi fazer a primeira viagem missionária. Eles foram para Uaicás, que são Ianomâmis, tribo onde meus pais trabalham hoje. Eles foram os primeiros a irem até lá falar, pois ouviram que eles estavam em guerra e morriam de doenças, assim como aconteceu com eles antes de conhecerem a Jesus. E Elcar e Mauachá aceitaram o desafio de ir.

Esse vôo também tem várias histórias para contar. A sensação que o estômago de Elcar sentia lá de cima, vendo as coisas todas pequenininhas, o medo que ele tinha medo de avião. Nessa viagem, eles também percorreram 21 dias de barco. Quando chegaram a um certo ponto, a canoa virou, e eles perderam algumas coisas. Passaram quatro meses construindo uma pista lá nos Uaicás, onde eles foram pregar o evangelho. E aí, Elcar fez um desafio para toda a aldeia, quando ele voltou. Atente para o que Elcar falou:

"Pemitiremos que perto de nós, outros povos vivam na ignorância dos seus pecados? Não! Como estaríamos hoje, se os missionários tivessem agido assim conosco? Como estaríamos, se Jesus tivesse dito que jamais deixaria o seu povo para vir nos salvar? Jesus veio, e nós vamos também. Ele morreu por todos nós. Nós ainda não morremos por Ele. Vamos então morrer por Ele."

Olha o desafio que Elcar fez! E surtiu efeito. Surgiu a primeira liderança. Foram impostos as mãos a muitos, e essa liderança, partiu em várias viagens missionárias. Muitas delas não tiveram sucesso, muitas pessoas se perderam,

outras ficaram com fome, muitas doentes. Algumas pessoas saíram do avião, outras vezes, o avião caiu, mas eles não desistiram de falar do amor de Deus as aldeias que eles conheciam. E como resultado dessa persistência em falar de Jesus, eles convidaram alguns grupos para virem morar com eles, porque diziam que se eles tivessem a oportunidade de ouvir o “papel de Deus” a vida deles mudaria. E diziam: “não podemos deixar nossa vida para ouvir o “papel de Deus”. Então, a prova do amor que eles tinham pelo evangelho, é que eles davam a casa, a comida e a roça, fazendo de tudo para esses povos que eram convidados a ouvir. Enquanto o povo ouvia o “papel de Deus”, uma coisa impressionante aconteceu ali na aldeia Uai Uai. Os xereus, richicarianas, tuianás, capuenas, ricaienas, cachuanas, carapauanas, todos esses, e mais, vieram então morar ali. E muitos ainda permanecem até hoje em Mapuera.

Os Uai Uai estavam prontos para evangelizar, mas eles ainda não tinham a palavra de Deus totalmente traduzida. Então o Roberto continuou ali a tradução bíblica e, em 2002, tiveram o privilégio de, ainda vivos, virem para Mapuera fazer a entrega da primeira Bíblia totalmente traduzida para uma língua indígena no Brasil. Aconteceu essa festa em 2002, e foi um momento de muita alegria.

Elcar faleceu aos 62 anos, com uma doença degenerativa do sistema nervoso. Enquanto vivo, ele ainda procurou testemunhar do amor de Deus. Aquele amor que ele descobriu, que lança fora todo o medo, e que mudou a vida dele e a vida de todos os Uai Uai.

Hoje, já existem seis igrejas Uai Uai com liderança própria, e mais de dois mil convertidos com o projeto dos

missionários próprios, de cada igreja. Observe o impacto que a transformação da vida de uma pessoa causou!

Abaixo, trancrevo um pensamento que Elcar deixou:

“O povo Uai Uai foi levantado do chão por Deus. Se Jesus Cristo pode fazer isso a um homem que havia andado pelas trilhas mais sombrias da selva, não pode fazer o mesmo a qualquer pessoa que vive em qualquer lugar a quem lhe pedir isso? Ocorre maravilha. É claro que pode. Deus pode transformar a vida de todo mundo.”

Inclusive a sua vida. Se você ainda não conhece esse Jesus, e quer conhecer, Ele pode fazer muitos milagres em sua vida. E para você, que já conhece a Jesus e já tem uma vida firme com Ele, eu quero deixar aquele desafio que Elcar deixou para o povo:

“Permitiremos que perto de nós, outros povos ou outras pessoas vivam na ignorância dos seus pecados? Não! Como estaríamos hoje, se os missionários tivessem agido assim conosco? Como estaríamos, se Jesus tivesse dito que jamais deixaria seu povo para vir nos salvar? Jesus veio a nós, e nós também vamos. Ele morreu por nós, e nós ainda não morremos por Ele. Vamos morrer por Ele.”

Esse é o desafio que eu quero deixar para você. Que no seu coração, arda essa vontade que ardeu no coração de Elcar.

Eu tenho três amigos que decidiram dedicar um tempinho da vida deles para estarem ali junto comigo, aceitando esse desafio, de falar de Jesus para as pessoas que não o conheciam: a Adriele, o Edmur e a Priscila, que vão contar um pouquinho daquilo que vivenciaram.

Priscila:

Já faz quatro anos que, uma vez por ano, eu me torno missionária e vou para Mapuera trabalhar com as crianças, e também com as professoras que ensinam as crianças na Escola Bíblica Infantil.

Esse trabalho começou em 2005 com a Pat Manzun. Esse ano, nós trabalhamos com cerca de 220 crianças na faixa etária de 3 a 11 anos. O lugar que nós nos reuníamos era nas escolas. Uma escola que fica perto da pista de pouso. É um lugar muito quente, e eu tinha a sensação de que estava perto dos 40 graus. Não sei se de fato estava, mas a sensação térmica era essa.

Bem, nós fizemos um verdadeiro programa de índio lá. Um programa de férias para índio. Começávamos com um período de louvor dirigido pela Adriele, o Davi tocando, e o Edson, que está ali no meio, e que é Uai Uai, traduzia o que falávamos, assim como a Ochichacã, que é a esposa do cacique, responsável também pelo trabalho com as crianças na aldeia. Ela tem um trabalho muito importante lá.

Depois do louvor, vinha o período de histórias e, esse ano, eu pude estar falando do plano de salvação para as crianças, através de algumas histórias da vida de Paulo. E eu fui - "e Paulo" - foi se vestindo para eles de acordo com o método das cores de evangelismo. Assim, cada dia eu me vestia de uma cor. Eu contei com alguns ajudantes: as crianças me ajudavam a contar a história, e eu acho que, dessa forma, prendi a atenção deles. Eu pude estar falando através das histórias da vida de Paulo, como que, da mesma forma que o evangelho transformou a vida de Paulo, ele pode transformar a vida deles, e que todos somos pecadores lá em Mapuera, aqui em Campinas, e precisamos da salvação em Cristo Jesus. E no último dia, nós pudemos

estar orando, e pedindo a Deus que essa mensagem pudesse fazer sentido para eles e que, eles pudessem ter suas vidas transformadas e, um dia, quem sabe, eles se tornassem missionários, da mesma forma que Elcar desafiou o povo. Essa história que Davi contou, aconteceu há mais de 40 anos, e muitos deles não a conheciam. Então, foi emocionante porque durante as noites, eles puderam ouvir essas histórias. A Izilda, mãe do Marcelo Bertti, pode estar contando essas histórias. Tudo o que o Davi contou, dia após dia, ela contava. E era muito emocionante para eles, saber a história do próprio povo deles, e de como eles receberam a salvação.

Bem, depois das histórias tinha um período de aquecimento. O Davi, a Adriele e o Edson, faziam uma espécie de aquecimento que as crianças gostavam bastante. Depois vinha o período das brincadeiras dirigidas pelo Edmur. Havia muita coisa divertida, que todas as crianças participavam. E eles se divertiam muito. Era muito bom ver a alegria nos rostos deles. Isso nos dá ânimo e força para realizarmos esse trabalho a cada ano. Todo o material que eu usei durante a semana, deixei para Ochichacã e para equipe dela, que são cerca de 7 pessoas que trabalham com a Escola Bíblica Infantil lá. No ano passado, eu havia deixado uma parte do currículo da igreja, que a nossa Escola Bíblica Infantil usa, para que eles pudessem usar, contando as histórias domingo a domingo. Era um material que dava para o ano inteiro, a começar pelo período em que eu estive lá no ano passado, até este ano, e vários materiais de apoio também, que deixei com eles. E eu estava curiosa para saber se eles tinham usado esse material, e eu não tinha conseguido falar com eles. E qual foi a minha

surpresa? Graças a Deus eles usaram e perguntaram se podiam de vez em quando, mudar alguma coisinha. Então, foi com muita alegria que esse ano eu pude deixar mais um pouco do material, mais uma parte do currículo. Muitas coisas eu pude levar, comprar para eles, e aqui entra o nosso agradecimento a igreja que providenciou tudo. O pessoal do escritório foi muito eficiente. Também abordei durante a semana, e no último dia eu terminei o plano de salvação, e pude relembrar os tópicos utilizando uma pulseira que nós confeccionamos. Agradeço a todos que colaboraram com isso, desde a provisão do material, até a confecção de 250 pulseiras. E eles amaram, gostaram muito. E eu deixei esse material com eles, com a Elza também, que juntamente com Ochichacã, é responsável pelo trabalho infantil. A Elza sabe falar português, e é de grande ajuda nessa questão da tradução em algumas coisas. Bem, no final da semana nós estávamos muito cansados, mas muito animados também. Na despedida que eles fazem um dia antes de nossa partida, acho que cumprimos cerca de 700 pessoas, pelo menos, porque a aldeia aquela semana, estava recebendo umas 500 pessoas vindas de outras aldeias. Teve gente que viajou dez dias a pé e de canoa para poder chegar lá. Então, tinha muita gente mesmo. Nós estávamos muito alegres, por tudo que pudemos ver Deus realizando naquela semana. Deixo nossos agradecimentos àqueles que oraram, que contribuíram de alguma forma, e que toda a glória seja dada ao nosso Deus. Obrigada.

Edmur:

Bom, eu só tenho a agradecer por poder fazer parte de um time deste. Foi muito interessante, quando o Fernando veio me procurar para estar

ali. Ele usou a palavra “desafio”. Ele falou: “Edmur, eu tenho um desafio pra você”. Ele falou o que era e então ficou chato eu falar: “não, eu não quero ir”. Assim, o desafio para mim, foi pegar um avião tão pequenininho, com um monte de bagagens dentro. Eu sou adepto do pensamento de que, se Deus quisesse que eu voasse, ele me daria asas e não braços. Então, foi difícil estar vencendo aquele medo. Mas quando chegamos lá e conhecemos os adolescentes, eu tinha um propósito a cumprir, que era deixar os índios jovens cansados. Eles não ficaram cansados. É outro tipo de vigor físico. Eles são acostumados com aquele calor. Nós fizemos várias brincadeiras, e foi bom ver a intensidade deles, ganhando e aceitando o programa que nós tínhamos colocado para eles. Mas, o principal foi ver a intensidade que eles têm com a vida cristã! Para mim foi uma lição, perceber qual a visão que eles têm de Jesus Cristo. Eu não tenho muito mais o que falar. Foi uma lição de vida, ver um povo que você não consegue impressionar com os valores que nós temos aqui. Mas, indo até lá, somos capazes de amá-los e falar de Cristo para eles. Foi impressionante ver isso. Tem uma passagem que está em Colossenses 1: 3- 4 e eu gosto de ver a maneira como Paulo fala com o povo dessa igreja. Ele fala assim: *“Sempre agradecemos a Deus o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo quando oramos por vocês, pois temos ouvido falar da fé que vocês têm em Cristo Jesus e do amor que têm por todos os santos.”* Eu vi isso no povo de Mapuera e agradeço mais uma vez pela igreja, e por ter feito parte deste time.

Adriele:

Quando me convidaram para ir para Mapuera, logo imaginei a experiência

incrível que eu teria. Mas, sinceramente, minhas expectativas foram até baixas diante do que eu vivi por lá. Eu esperava poder servir a Deus, e que os Uai Uai conhecessem mais de Deus e do seu caráter. Isso foi possível, mas, o Deus surpreendente, tem caminhos mais altos que os nossos, e planos que nem podemos imaginar. A primeira surpresa que eu vivi, foi ver que num lugar tão afastado, onde percorremos tanto verde até chegar lá, o evangelho tinha chegado, e que Deus em sua soberania, tinha arrumado um meio de ser revelado e estava transformando aquele povo. Quando me perguntam sobre a viagem, eu digo que um dos pontos mais marcantes, foi olhar um povo transformado pelo amor de Deus. Foi ver que apesar de uma cultura diferente, eles adoravam à sua maneira, com suas danças e músicas, o mesmo Deus vivo que nós adoramos aqui. Foi maravilhoso ver a mensagem da salvação em Cristo, Filho de Deus, que morreu por nós, frutificando no meio deles. Esse amor de Deus que habita neles, transbordava em nós. Na despedida, todos eles, mais ou menos umas 600 pessoas foram cumprimentar um por um, e isso para mim foi muito emocionante, porque às vezes nos sentimos constrangidos de cumprimentar, e eles lá, nos colocaram a frente e, um a um, foram cumprimentando e nos dando tanto presente, que não havia mais lugar em meu cabelo para colocar tanta pena. Eu fiquei toda enroscada, mas foi muito bom. Quanto mais eu dei, mais eu recebi. Quanto mais parecia que eu me esforçava para servir, mais amor eu recebia deles. Eu posso dizer que não há alegria maior, do que a alegria vinda do Senhor Deus. Por sua misericórdia nos permite participar das suas obras insondáveis, que anunciam o plano da

reconciliação. Foi um privilégio este tempo em que eu estive por lá. Eu fiquei responsável pelo tempo de louvor com os jovens e com as crianças. No começo, eu fiquei meio nervosa, porque a primeira música que eu fui ensinar, eu comecei a cantar e eles estavam mudos. Eu pensei: “meu Deus, o que é que eu estou fazendo? Como que vai ser?” Neste momento, a Priscila e o Edson que estavam nos ajudando, começaram a cantar e, nós fomos, pouco a pouco, e quando dei por mim, eles já estavam cantando e participando. Além disso, eu também fiquei muito impressionada porque achava que íamos chegar lá, mostrar as músicas, e sermos a peça fundamental. Que pensamento pequeno esse, não? Pois eles já tinham suas próprias músicas, e a esposa do cacique, a Ochichacã, os ensinava. Ela se preocupava com eles e, foi muito emocionante perceber que Deus age. Independente de estarmos lá, Ele já estava agindo naquele povo. Foi muito legal.

Com os jovens também foi um tempo muito bom. Nós ficávamos com eles pela manhã, onde tínhamos um tempo de louvor, que também foi meio difícil no começo, mas a partir do instante em que começamos a usar algumas músicas para brincar com eles, eles estavam em todas as reuniões, todos os dias, e isto foi muito gratificante.

Eu posso dizer que sofria um pouco quando decidia participar das brincadeiras violentas que o Edmur fazia. Na parte do louvor, tivemos um tempo precioso. Os jovens e as crianças são bem receptivos. Noites na rede, baratas, grilos gigantes e voadores. Banhos refrescantes no rio, músicas e danças típicas, demonstrações...

Meu irmão, missões é um privilégio. É um privilégio porque nós podemos

participar. E que graças ao investimento feito pela igreja e as orações, isso pode ser realizado. Graças a esse amor que tem contaminado muitos de nós, esses projetos podem ser realizados. Eu gostaria de encerrar esse tempo com uma oração e um desafio. Orando e agradecendo a Deus por tudo isso que aconteceu e também deixando um desafio para você: qual é a sua parte nesse time? Qual é a sua parte nessa missão, que é nossa? O que você vai fazer? Que aquele desafio de Elcar fique com você: “Jesus Cristo morreu por nós, mas nós não morremos ainda por ele. Vamos morrer por Jesus.”

Abaixe a sua cabeça.

Senhor Deus, nós agradecemos porque de modo muito especial o Senhor tem levado pessoas da igreja a se envolverem com missões. De modo muito especial, o Senhor tem levantado pessoas que trabalham para promover sustento para missões. De modo muito

especial Deus, o Senhor tem levantado pessoas dispostas a colocar os seus recursos para que essas viagens possam acontecer. Nós agradecemos Deus, porque sabemos que isso é fruto do teu mover no teu povo. Nós sabemos que ainda há muitos que têm desejo missionário por realizar. Sabemos que tem pessoas que ainda querem dedicar suas vidas a Teu serviço, no campo missionário. Nós pedimos que o Senhor ajude a cada uma dessas pessoas. Mas nós também oramos Deus, para que cada membro da igreja saiba qual é o seu papel nesse ministério, saiba qual é a sua parte, saiba como fazer parte desse time, e que, junto com o Senhor, possa levar o evangelho a várias etnias. Esse é o desejo do nosso coração, e a nossa esperança Deus, de que o Senhor vai movimentar a igreja de forma que ela entenda o seu lugar nesse ministério. Nós oramos, em nome de Jesus, amém.

Mensagem das Sagradas Escrituras apresentada na Igreja Batista Cidade Universitária (IBCU), Campinas - SP. Publicação do Ministério de Comunicação da IBCU. Esta versão contém modificações em relação ao áudio, que está disponível em nosso site (www.ibcu.org.br). Para receber cópias em CD, escreva-nos ou ligue-nos. Ministério de Comunicação - Igreja Batista Cidade Universitária – Rua Tenente Alberto Mendes Jr., 5 – Vila Independência – Campinas - SP - CEP 13085-870. Fone: (019) 3289-4501. E-mail: comunica@ibcu.org.br.